

**OS SIGNIFICADOS DA VIOLÊNCIA NA ESCOLA PARA PROFESSORES DE
ESCOLAS PÚBLICAS DE BELÉM**

**THE MEANINGS OF VIOLENCE AT SCHOOL FOR THE TEACHERS OF PUBLIC
SCHOOLS OF BELEM**

Ivany nascimento¹

Mariléia Trindade²

RESUMO: A violência presente no ambiente escolar pode gerar prejuízo ao processo educacional e as relações dos sujeitos. A compreensão deste fenômeno passa pelos significados dos sujeitos que estão presentes nesse ambiente, pois ela é representada com base no espaço e tempo o qual é referida. Assim esta pesquisa tem por objetivo geral, identificar e analisar os significados que professores do ensino médio de escolas públicas de Belém possuem sobre a violência na escola. Outros objetivos são: identificar os atores e as formas e situações mais frequentes e verificar as ações que as escolas desenvolvem para resolver a violência. Para isso realizamos estudos bibliográficos e pesquisa de campo, em 04 escolas do ensino médio de Belém-Pa. Na coleta de dados utilizamos como instrumento de pesquisa um questionário com as temáticas: significado da violência, formas de violência, situações mais frequentes e, ações que a escola exerce para resolver a violência no seu interior. A análise dos dados pautou-se em Bardin (2003) sobre a análise de conteúdo. Os resultados revelam que os significados que os professores atribuem à violência se constituem em agressões diversas, que vão desde prejuízos físicos a outros subjetivos. Este fenômeno é causado tanto por conflitos externos como internos à escola. Os principais sujeitos apontados como produtores de

¹ Professora Doutora do Instituto de Ciências da Educação (ICED) da Universidade Federal do Pará. Vice-diretora do ICED. E-mail: Ivany.pinto@gmail.com.

² Graduada em Pedagogia pelo Instituto de Ciências da Educação (ICED) da Universidade Federal do Pará. E-mail: marileiapt@yahoo.com.br

violência são os alunos, contudo outros membros da escola também são destacados. As ações de tratamento de violência foram evidenciadas. É importante que as escolas tomem atitudes em seu cotidiano quanto à prevenção e/ou redução da violência.

Palavras-chave: Violência. Escola. Professor.

ABSTRACT: The violence that is present at scholar environment can generate lost to the educational process and to the subject relationships. The comprehension of this phenomenon cross the meanings of these subjects the live in this environment, once it is represented based on space and time it is referred. So, the research objectives firstly the identification and analysis of meanings the teachers of high school at public schools in Belém, have about the violence at scholar environment. Other objectives are: identification of actors and forms and more frequent situation and verification of actions schools have to develop to extinguish the violence. For such a purpose bibliographic studies a field research were carried on 04 (four) public high school in Belém, state of Pará. It was used a questionnaire as research instrument for data collection with the following theme: meaning and forms of violence; more frequent situations; and action that schools have to adopt to extinguish the violence in their environments. The data analysis was based in Bardin (2003) on analysis of content. Results show that the meanings the teachers attribute to violence is constituted by a number of aggressions, since physical lost till other more subjective. This phenomenon is caused so by external conflicts so those inherent to the school environment. The main subjects pointed as violence producers are the pupils, although other members of schools are also referred. Treatment actions were showed. It is important that the schools take attitudes on their day-by-day regarded to the prevention and/or reduction on violence levels.

Key words: Violence, School, Teacher

A ocorrência da violência na escola é um fator que pode prejudicar as relações das pessoas que fazem parte do seu cotidiano e do desempenho do processo educativo. Este fenômeno é capaz de gerar um clima de insegurança, intrigas, revanche, desrespeito entre sujeitos que estão presente na escola.

Alguns autores (ABRAMOVAY et AL, 2005; CANDAU et al, 1999) discutem que o conceito de violência é reconstruído conforme cada sociedade e suas respectivas especificidades (cultura, política, valores etc.). Sendo assim, a violência é vista como um fenômeno diversificado, com múltiplas significações.

Nilo Odália (1983, p. 23) chama a atenção de que “a guerra é um ato violento, o mais violento de todos talvez, contudo esse caráter essencial parece passar a ser secundário se o submergimos sob razões que vão desde a defesa da pátria às incompatibilidades ideológicas”.

Dessa forma, dependendo da visão que o sujeito possui sobre a guerra e com base em sua compreensão político-social, por exemplo, pode ou não acreditar que a guerra é um fato violento.

Considerando que a violência possui muitos aspectos os quais variam de acordo com cada contexto social, neste estudo apresentamos o que parte dos sujeitos que fazem parte do cotidiano da escola (professores), destacam sobre a ocorrência da violência neste ambiente.

Os dados sobre o estudo ora apresentado foram alcançados com pesquisa em quatro escolas públicas de Belém, no ano de 2007, com 58 professores que trabalhavam em turmas do ensino médio. Os objetivos de tal pesquisa foram: investigar os significados sobre a violência nas escolas, quais os sujeitos que eram envolvidos em violências, que formas de violência eram presente na escola e que atitudes eram tomadas no tratamento de violências.

Diante destas considerações, apresentamos uma breve reflexão sobre o conceito de violência apresentado pela literatura teórica para uma primeira compreensão acerca do tema. Posteriormente são discutidos os resultados alcançados na investigação juntos aos professores.

O QUE NOS DIZ A LITERATURA

Partimos do princípio de que a compreensão da violência ocorre de acordo com as concepções que cada sociedade estrutura ou têm por padrão, com base em princípios que cada sociedade adota (cultura, tempo, conceitos, normas, etc.).

Abramovay et al (2005, p.54), destaca que “além da multiplicidade de formas assumidas pela violência, existem, diferenças entre os períodos históricos e culturais no que tange à compreensão sobre o tema”.

Podemos identificar muitas ações consideradas violentas em culturas, sociedades diferentes; talvez em alguns aspectos se assemelhem, contudo em outros certamente é possível que tenham significados diferentes que só podem ser compreendidos ou aceitos sob a ótica do contexto histórico, político e social (entre outros aspectos) de cada sociedade. Nesse sentido, é imprescindível na análise da violência, situá-la junto ao contexto que a envolve e observar as relações que se desencadeiam.

As manifestações da violência nem sempre se apresentam de modo explícito. Segundo Abramovay et al (2005, p.54) “não necessariamente se fazem necessárias, provas, corpos, para configurar algo como violência”. Nesse sentido é relevante atentar para as relações que desencadeiam violências, sejam estas configuradas em nível material, ou subjetivo.

Sabemos que a violência se caracteriza em variadas formas, pode estar presente nos mais variados lugares. Mas apesar de ser a violência multifacetada, convém atentar para o que alguns teóricos traçam sobre o conceito deste fenômeno. Afinal o que pode ser caracterizado como violência?

Abramovay et al (2002, p. 27-28) nos apresenta três classificações da violência, as quais são:

A violência direta³ se refere aos atos físicos que resultam em prejuízo deliberado à integridade da vida humana (...) envolve todas as modalidades de homicídios (assassinatos, chacinas, genocídio, crimes de guerra, suicídios, acidentes de trânsito e massacres civis). **A violência indireta** envolve todos os tipos de ação coerciva ou agressiva que implique prejuízo psicológico ou emocional (...) **a violência simbólica** abrange relações de poder interpessoais que cerceiam a livre ação, pensamento e consequência dos indivíduos.

Esta consideração revela que a violência pode se evidenciar desde prejuízos perceptíveis, ou que causam danos ao corpo físico dos sujeitos, a outros danos que podem afetar, por exemplo, o psicológico e as relações sociais dos indivíduos.

Vale observar também o que destaca Jurandir Costa (1991 apud CANDAU, 1999, p. 19 – 20). Para ele a violência é:

(...) o emprego desejado de agressividade com fins destrutivos. Agressões físicas, brigas, conflitos podem ser expressões de agressividade humana, mas não necessariamente expressões de violência. Na violência a ação é traduzida como violenta pela vítima, pelo agente ou pelo observador. A violência ocorre quando há desejo de destruição.

A violência segundo o autor não se encerra em danos causados por acidente, sem intenção, mas quando existe o objetivo do agressor em causar danos (físicos, morais, psicológicos, etc.).

Estas aproximações sobre o entendimento da violência apresentadas por Abramovay et al e Jurandir costa são tomadas por referência neste estudo. Consideramos assim, que a violência pode ser expressa por atos que causem prejuízos ao indivíduo em dimensões físicas, psicológicas e sociais, e que a violência ocorre quando há intenção de em se causar danos.

A violência na escola também pode assumir uma variedade de formas assim como é advinda de fatores diversos.

³ Grifo nosso.

No dia-a-dia da escola é comum a ocorrência de problemas nas relações entre os indivíduos presentes, ou até outras pessoas podem ter acesso a escola e lhe causarem impasses. Entretanto quando os conflitos tendem a ser prejudiciais ao desempenho escolar, e causam danos às pessoas e as relações entre elas, ou se tornam rotineiros, cabe aos membros da escola atentar para tais prejuízos, pois podem ser atingir níveis violentos.

Dentre algumas manifestações de violência na escola, podemos destacar as agressões verbais as quais podem ser “consideradas incivildades, xingamentos, desrespeito, ofensas, modos grosseiros de se expressar, discussões, que se dão muitas vezes por motivos banais ou ligados ao cotidiano da escola” (ABRAMOVAY, 2005, p. 121). Tal agressão pode ser desencadeada por alunos, professores, corpo técnico-pedagógico, pais, dentre outras pessoas (ABRAMOVAY, 2005).

As ameaças se constituem como outras formas de violência. Ocorrem por intermédio da expressão verbal, sendo caracterizadas como um “mecanismo utilizado para demonstrar poder e, a depender do objetivo e da intimidação, pode se concretizar em agressões físicas” (ABRAMOVAY et al, 2005, p. 145). Esta violência tende a não ter a devida atenção, como destaca a mesma autora: “(...) independente de quem seja alvo da ameaça – aluno, professor, ou outro adulto – a direção da escola tende a não tomar providências, a não ser que seja estimulada pela iniciativa particular daquele que se sente coagido ou daquele que visa sua defesa” (ABRAMOVAY et al, 2005, p. 166).

Outras manifestações de violência são as agressões físicas, que ganham atenção pelo “grau de violência e agressividade envolvido nas disputas, pelos instrumentos e mecanismos utilizados para atacar o adversário, e pelo fato de os alunos estarem ora como vítimas, ora como agressores (ABRAMOVAY, 2005, p. 171)”. Embora geralmente este tipo de violência envolva alunos, tal autora destaca ser possível a ocorrência deste conflito entre alunos e adultos da escola, principalmente os professores.

Os problemas relacionais de professores, corpo técnico-pedagógico e demais funcionários em relação principalmente aos alunos, podem desencadear outra violência, a chamada “violência institucional”, que se desencadeia por meio de “marginalização, discriminação e práticas de assujeitamento ...” (ABRAMOVAY, 2002, p. 74).

A violência simbólica pode ser evidenciada também na escola. Ela, com base em Bourdieu (2002), se pauta no mau uso da autoridade (poder), quando um indivíduo que possui poder suprime opiniões, autonomia de outros sujeitos que lhe são “submetidos”. Muitas vezes

esta violência é presente na sala de aula, na medida em que o professor de alguma forma priva a liberdade do aluno e tenta demonstrar “poder” sobre ele. Isto poderá até não ser percebido pelo aluno como violência e também não é admitido pelo professor (caso esteja ele abusando de sua autoridade), mas certamente traz prejuízos imediatos ou em longo prazo para o desenvolvimento do aluno (caso seja a vítima) na escola.

Peter Smith (2002, p. 187) reflete sobre a existência de “intimidações” na escola, que se associam a comportamentos agressivos, sendo caracterizados pela repetição (quando uma mesma vítima é alvo) e “desequilíbrio de poder”. A vítima “não consegue se defender com facilidade. Ele ou ela pode estar em minoria, pode ser de tamanho menor ou força física, ou apresentar menos flexibilidade psicológica que o autor ou autores da intimidação” (SMITH, 2002, p. 188). Smith explicita que as principais manifestações das intimidações podem ser:

- Físicas: bater, chutar, socar, tomar os objetos pessoais;
- Verbais: implicar, insultar (incluindo as novas formas, como intimidação por *e-mail* e por telefone);
- Exclusão social: “você não pode brincar conosco”;
- Indiretas: espalhar boatos maldosos, dizer a alguém para não brincar com um colega.

Esta forma de violência pode ser pouco perceptível por outras pessoas na escola, principalmente se não convivem com a vítima. As intimidações ainda podem não serem compreendidas como violência, contudo é provável que deixe marcas negativas ao(s) sujeito(s) que a sofre(m).

Analisando agora os possíveis sujeitos que são apontados no envolvimento em situações de violência, podemos destacar a princípio que não existem sujeitos específicos no interior da escola que podem estar envolvidos em conflitos. Qualquer pessoa ligada a esta instituição, direta ou indiretamente, ou outros sem nenhum vínculo podem cometer violências neste espaço.

Apesar disso, alguns referenciais teóricos (ABRAMOVAY ET AL 2002, FARRINGTON, 2002) destacam que a prática da violência no ambiente escolar é geralmente associada ao jovem.

Com relação a um fator que contribui para a possível relação “jovem e violência”, destaca-se o estado de vulnerabilidade social que muitos jovens se encontram. A vulnerabilidade social se apresenta “como o resultado negativo da relação entre a disponibilidade dos recursos materiais ou simbólicos dos atores, sejam eles indivíduos ou grupos, e o acesso à estrutura de

oportunidades sociais, econômicas, culturais que provêm do Estado, do mercado e da sociedade” (ABRAMOVAY et al, 2002, p. 29).

Ressalta-se ainda que a relação “juventude e violência”, pode ser advinda de:

(...) um produto de dinâmicas sociais, pautadas por desigualdades de oportunidades, segregações, uma inserção deficitária na educação e no mercado de trabalho, de ausência de oportunidades de lazer, formação ética e cultural em valores de solidariedade e de cultura de paz e de distanciamento dos modelos que vinculam esforços e êxitos (ABRAMOVAY et al, 2002, p. 56).

Esta situação não proporciona a muitos jovens seu desempenho social, educacional, profissional, na sua vida particular. Em alguns casos a escola tende a contribuir com este quadro, quando não deposita confiança em seus alunos, possui uma representação negativa da juventude, não dá oportunidades aos alunos demonstrarem habilidades, não oportuniza a participação, não compreende problemas sociais que poderá estar passando o(a) jovem (DAYRELL, 2003).

Os jovens nestas condições, não encontrando na escola certa confiança, sentimento de pertencimento, possibilidade de ascensão... e também quando sua família não é seu referencial, é possível que encontrem em outros grupos suas referências, como por exemplo os grupos de gangues (ABRAMOVAY, 2002).

Apesar destes apontamentos que destacam o jovem e/ou aluno como possível sujeito envolvido em violência na escola, não podem ser isentos demais pessoas (funcionários, professores, técnicos, etc.) como também prováveis sujeitos envolvidos em violências na escola. Como ressalta Abramovay et al (2005, p. 78) “o fato de os alunos serem apontados como os propagadores de violência no ambiente escolar desconsidera o papel de professores e demais adultos e da própria instituição escolar enquanto produtora de violência”. Os próprios professores e outros funcionários da escola podem estar produzindo e/ou contribuindo para a existência de violências (como as violências institucionais e simbólicas, as agressões verbais, dentre outras possíveis).

Como já observamos a trama da violência na escola abrange muitas manifestações, e que também diversos sujeitos podem estar envolvidos em conflitos violentos. Para compreender que motivos são possíveis de ocasionar a violência na escola, é necessário da mesma forma ter por referência a dinâmica da violência. Dessa forma cabe notar que as causas da violência são diversas e podem ser originadas tanto no interior da escola como em seu exterior, isto é, a escola pode gerar violências e também é atingida por outras que são advindas de conflitos externos.

Dentre alguns fatores externos (aqueles presentes na sociedade em geral ou próximos à escola) que podem contribuir ou ocasionar violência na escola, tem-se o narcotráfico e as galeras⁴, como aponta Guimarães (1995 apud CANDAU et al,1999, p. 28). O narcotráfico pode ser evidenciado de maneira “sutil” e adentrar a escola através de indivíduos que são mediadores e ligados a diversas quadrilhas. As “galeras” podem ter interferências diretas na escola por meio de invasões e ameaças constantes.

Glória Diógenes, com relação às galeras, compreende o seguinte:

Movidos pela necessidade de consolidar no grupo a idéia de pertencimento, as turmas de turmas de jovens 'organizam-se' com o objetivo de deixar marcas territoriais. Essa necessidade de 'registro social' no mapa 'oficial' é que vai ensejar entre as galeras a mobilização de práticas de violência.

A mesma autora discute que existe diferenciação entre galeras e gangues. Para ela, gangue é termo correlato de delinqüências. Cabe notar ainda que “quando as galeras se apresentam como 'corpos em evidência', mobilizados por práticas de violência (...) passam a ser registradas como estratégias de ação de gangues” (DIÓGENES, 1998, p. 105).

As galeras, gangues, e o tráfico, podem comprometer o sentimento de segurança das pessoas que estão presentes na escola pelo medo de invasões e outros problemas que podem ocasionar. Além disso, tais elementos podem estabelecer vínculos com alguns sujeitos das escolas, principalmente os alunos. Ou ainda quando um dos sujeitos que fazem parte das relações escolares já estejam ligados às galeras, gangues, tráfico, podem desencadear conflitos à escola. É possível também que outras pessoas presentes nas escolas, por tentarem se afastar destas interferências, sofram ameaças. O próprio ambiente escolar é capaz de ter danos: pichações, roubos, depredação.

Outro fator externo como possível causa da violência escolar é a violência familiar. Sobre isso, Candau et al (1999, p. 35) destaca que: “A violência familiar, sofrida por crianças e adolescente, tem sido motivo de grande preocupação dos educadores. Apesar de estar localizada, quase sempre, fora dos muros escolares, tal forma de violência interfere significativamente no cotidiano escolar”.

A violência familiar pode prejudicar as relações sociais do(a) aluno(a) e ainda seu desempenho na aprendizagem escolar. É um fator que dependendo da gravidade, impulsiona o próprio(a) aluno(a), caso enfrente violência familiar, a cometer também violências na escola.

4 Correspondem, segundo a esta autora, a grupos de jovens das periferias da cidade que mantém uma organização.

Referindo-nos a mais um fator como influência de violência na sociedade com possíveis implicações à escola, destacamos a divulgação excessiva da mídia televisiva sobre fatos violentos e outros materiais (filmes, minisséries, desenhos, entre outros) divulgados por ela que enfatizam este fenômeno. De acordo com Shollhammer (2000, p. 150):

(...) pelo procedimento de ampla visibilidade, os meios de comunicação agem como construtores privilegiados de representações sociais e, mais especificamente, de representações sociais sobre o crime, a violência e sobre aquelas pessoas envolvidas em suas práticas e sua coibição.

Destacamos ainda o que discute Rosário Ortega (2003, p. 84-85) sobre aspectos que interferem na violência escolar, os quais podem ser: “fatores relacionados ao desenvolvimento geral dos países, regiões e até mesmos setores internacionais; e políticas que não atendem na medida do necessário às necessidades dos cidadãos e que governam dando as costas ao estado do bem-estar do cidadão”. Nestas condições, quando os fatores de desenvolvimento dos países são mínimos e não correspondem às necessidades básicas dos indivíduos, estes por sua vez possuem certa fragilidade, carência de bens mínimos precisos para a vida social, cujo estado pode deixá-los mais vulneráveis à violência na sociedade.

Estes fatores apontados e outros possíveis podem não ser determinantes diretos da ocorrência de violência na escola, contudo alguns casos de violência neste ambiente são prováveis de terem relações com estes elementos.

METODOLOGIA

Tipo de pesquisa

Desenvolvemos estudo bibliográfico de alguns referenciais teóricos sobre a violência na escola, que nos permitiu uma primeira compreensão deste tema. Para somar ao estudo bibliográfico, realizamos pesquisa em quatro escolas públicas de Belém, divididas entre duas escolas que se localizavam em áreas centrais da cidade e outras duas que se situavam em bairros periféricos.

A pesquisa realizada teve caráter qualitativo e quantitativo. A abordagem qualitativa, para Santo Filho (2001, p.43) “preocupa-se com a compreensão ou interpretação do fenômeno”. Quanto ao caráter quantitativo desta pesquisa pode se explicado pela “manipulação estatística”,

como apresenta Filho (2001, p. 44), cuja manipulação foi desenvolvida na a elaboração de tabelas e gráficos para a análise dos resultados.

Sujeitos

Os sujeitos de estudo foram professores do ensino médio que trabalhavam nas escolas selecionadas desta pesquisa. Para composição da amostra, coletamos junto à secretaria de cada escola selecionada quantidade total de professores que ministravam aula para o ensino médio, a fim de eleger 20% deste grupo para pesquisa.

A tabela a seguir demonstra os totais de professores do ensino médio das quatro escolas (denominadas pelas letras A, B, C, D e as respectivas iniciais dos verdadeiros nomes dessas escolas), e as quantidades que correspondiam a 20% de professores em cada escola.

Cabe destacar que com base nos percentuais referentes a 20% mostrados adiante, foram pesquisados ao todo 58 professores.

Tabela 1 - Distribuição das escolas selecionadas para pesquisa

Escolas do Centro		
Escola	Nº total de professores do ensino médio	20%
A (D.M.)	170	34 professores
B (J.P.)	52	10 professores
Escolas da Periferia		
Escola	Nº total de professores do Ensino médio	20 %
C (C.S)	38	9
D (M.L.)	70	13

Fonte: Secretaria das escolas pesquisadas.

Instrumento de pesquisa

O instrumento de pesquisa utilizado foi um questionário. Para Auro Rodrigues (2006, p. 96) o questionário pode conter “perguntas abertas, para que o pesquisador obtenha respostas livres, ou perguntas fechadas, para respostas mais precisas, ou ambos os tipos de perguntas”. Na pesquisa com professores utilizamos um questionário com perguntas abertas e fechadas. Este

instrumento obedece às seguintes temáticas: significados da violência para os professores, os atores da violência, as formas mais frequentes os determinantes da violência, e ações que a escola exerce como interferência na violência. Além disso, formulamos questões com o objetivo de traçar o perfil sócio-econômico dos sujeitos da amostra.

Análise dos resultados

Para que analisássemos os dados, realizamos codificação e tabulação dos dados. A codificação pode ser caracterizada como um “processo pelo qual o pesquisador transforma os dados obtidos em símbolos, para facilitar sua contagem e tabulação” (RODRIGUES, 2006, p. 100). Dessa forma, codificamos cada questionário dando a eles uma numeração crescente e, ainda identificamos as alternativas de cada questão em ordem alfabética (A, B, C, D, etc.).

A tabulação pode ser entendida como um “processo de representação dos dados em tabelas, objetivando uma melhor visualização, inter-relação, compreensão e análise dos dados”. Assim a tabulação dos dados desta pesquisa foi realizada por meio de construção de tabelas e gráficos para a quantificação da frequência e percentual das respostas. Para isso contamos com a utilização do software Excel.

Os dados tabulados foram reunidos em quatro categorias, as quais foram: caracterização dos sujeitos, violência de maneira geral, violência na escola e violência com o professor.

Após estas etapas, analisamos os dados tendo por referência a “análise de conteúdo” proposta por Bardin (2003, p. 38), que tem por objetivo a “inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não).

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Caracterização dos sujeitos

De modo geral, quanto ao perfil sócio-econômico dos 58 professores pesquisados, vale destacar que 35 destes são do sexo masculino e 23 são do sexo feminino. A idade destes sujeitos varia de 24 a 55 (ou mais) com maior concentração na faixa etária entre 30 a 54 anos. O nível de formação escolar se evidenciou desde o magistério à pós-graduação, sendo que esta apresentou maiores percentuais. A maioria destes professores trabalha em mais de um turno nas mesmas escolas pesquisadas, o que talvez permita a tais professores um maior conhecimento do funcionamento destas escolas pesquisadas. Quanto a renda econômica dos professores, foi mais representada entre 4 a 7 salários mínimos. O tempo de trabalho entre todos os professores nas escolas selecionadas em geral foi variado nas respostas e correspondeu entre 1 a mais 20 anos.

Violência de maneira Geral

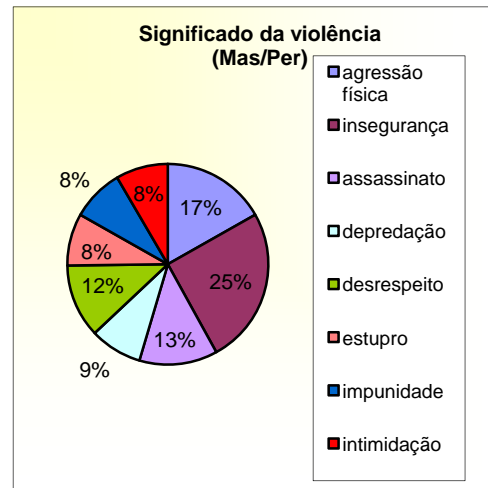
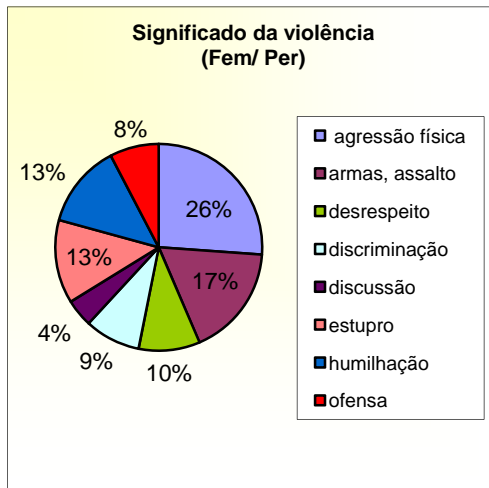
Os significados dos professores sobre a violência foram alcançados por perguntas abertas no instrumento de pesquisa utilizado. Dessa forma, as compreensões sobre a violência correspondem à palavras escritas no questionário pelos próprios professores.

As palavras que os professores traduziram o qual o significado da violência são demonstradas nos gráficos 1, 2 que correspondem as respostas dos professores das escolas de bairros periféricos e, 3 e 4 que são relativos as respostas dos professores das escolas do centro.

Nestes gráficos, estão reunidas as respostas de professores de escolas diferentes, mas com mesma característica local, isto é, duas escolas do centro e duas escolas da periferia.

Gráfico – 1

Gráfico – 2



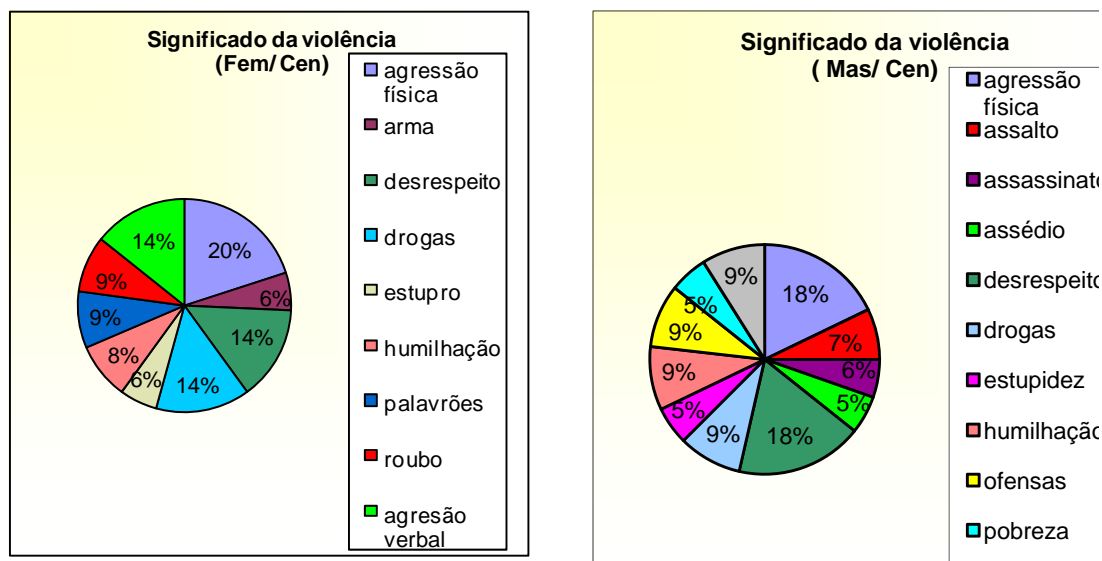
Fonte: Pesquisa “Os significados da violência para professores de escolas públicas de Belém” PIBIC/CNPq

Nas respostas das professoras, a violência se traduz em maior índice como agressão física, seguido de armas/ assaltos, dentre outros significados que se evidenciaram. Quanto às respostas dos professores do sexo masculino, se destaca com maior índice a insegurança como sinônimo de violência; outros significados que mais se destacaram, são, agressão física e o assassinato. Os demais significados demonstram que as compreensões sobre a violência, para estes professores não se limita em danos físicos.

Quanto aos significados de violência segundo as respostas dos professores das escolas do centro, temos:

Gráfico - 3

Gráfico - 4



Fonte: Pesquisa “Os significados da violência para professores de escolas públicas de Belém” PIBIC/CNPq

Nos significados da violência para os professores de ambos os sexos se evidenciou em maior percentual a agressão física. Nas demais respostas, para as professoras, se destacam as drogas, a agressão verbal e o desrespeito. Para os discentes do sexo masculino, os demais percentuais que se evidenciam foram o desrespeito, ofensas, preconceito e as drogas.

Para a maioria dos professores pesquisados, as agressões físicas alcançaram destaque. Em geral a violência física se manifesta, para Abramovay et al (2002), nos assassinatos, chacinas, genocídio, crimes de guerra, suicídios, acidentes de trânsito e massacres civis. Percebemos ainda que o significado de violência para os professores assume outras formas de agressão (além de formas físicas) que podem ocasionar prejuízos em plano subjetivo (psicológicos, emocionais) aos indivíduos, como humilhação e desrespeito, por exemplo.

Fatores como as armas, os assaltos, o uso ou tráfico de drogas, a impunidade, dentre outros, podem estabelecer um quadro que potencializa a ocorrência de violências na sociedade (ABRAMOVAY, 2005).

Muitas vezes esses significados de violência que os professores possuem, são aqueles que também correspondem à violência presente na escola, seja por ela estar rodeada por inseguranças que interferem no funcionamento da escola, seja por esta instituição fomentar em seu interior violências, dependendo das relações que estabelece.

O sentimento de insegurança referente à cidade se confirma quando 64% dos professores de escolas do centro acreditam que esta cidade não é segura. O mesmo foi evidenciado nas

respostas dos professores das escolas da periferia (69%). Quanto aos da cidade, segundo os professores das escolas do centro, a violência têm maiores incidências nos bairros da periferia (57%), e também foi confirmado nas respostas dos professores das escolas da periferia (59%).

Sobre a ocorrência de violência próxima à escola (pesquisada), 51% dos professores do centro responderam haver violência freqüentemente no bairro da escola e 46% destes professores responderam que ela ocorre poucas vezes. Quanto aos professores das escolas da periferia, 91% responderam que a violência próxima à escola ocorre freqüentemente e somente 9% disseram que a violência ocorre poucas vezes.

Percebemos nestes resultados que existe uma tendência em se associar um alto índice de violência com locais da periferia da cidade, sobretudo nas respostas dos professores que trabalham em escolas situadas nestas áreas. Isso pode estar associada com a discussão sobre a vulnerabilidade social (ABRAMOVAY et al, 2002). Esta é representada pela restrição ao acesso de recursos materiais e outros investimentos necessários à vida das pessoas, cujas carências podem fomentar violências.

Apesar de as áreas periféricas de muitas cidades apresentarem probabilidade para a ocorrência de violência, esta também se acentua em bairros centrais, pois a violência não tem espaço delimitado para sua manifestação. Para Glória Diógenes (1998, p.75) a violência atualmente “*deslocaliza-se*, não sendo mais possível se traçar uma especialização geográfica da ordem/ violência nas grandes cidades modernas”.

Os fatores apontados como causadores de violência na sociedade segundo as respostas dos professores de escolas do centro, são em primeiro lugar a desestrutura familiar, seguido do uso de drogas e o desemprego. Nas respostas dos discentes das escolas da periferia aparecem como maiores resultados, o uso de drogas, a desestrutura familiar e a baixa escolaridade como fatores que também estimulam a violência na sociedade, dentre outros fatores que destacaram.

A respeito dos fatores causadores de violência na sociedade segundo as respostas dos professores de escolas do centro, destacaram-se em primeiro lugar a desestrutura familiar, seguido do uso de drogas e o desemprego. Outros fatores segundo estes professores, foram a estupidez, distúrbio psicológico, pobreza e a baixa escolaridade. Nas respostas dos docentes das escolas da periferia aparecem como maiores resultados, o uso de drogas, a desestrutura familiar e a baixa escolaridade como fatores que também estimulam a violência na sociedade e, os demais fatores foram: estupidez, distúrbio psicológico, desemprego e pobreza.

Percebemos que os motivos que causam a violência na sociedade para os professores pesquisados, referem-se a problemas estruturais (financeiros e educacionais) e também são reflexos de problemas individuais dos sujeitos, como por exemplo, a estupidez e o distúrbio psicológico.

A desestrutura familiar destacada por muitos professores, revela que a família tem uma função importante na condução dos caminhos dos indivíduos e o estado em que ela se encontra (bem ou não) pode interferir na formação do sujeito. Como aponta Farrington (2002, p. 34), “são muitos os fatores familiares que prenunciam violências futuras”, dentre eles, como já destacado, a supervisão parental deficiente, pais agressivos, família desfeita, entre outros.

Quanto às drogas, também ganham destaque como fatores que além de causarem prejuízos físicos, corroboram para a produção de violências.

A baixa escolaridade apontada pelos professores das escolas da periferia evidencia que a escola também possui função social no combate e/ou prevenção da violência na sociedade.

Violência na escola

A violência na escola, nas respostas dos professores do centro, tem como principais atores os alunos (53%), seguidos de violência entre professores alunos (18%). Os sujeitos envolvidos na violência, nas respostas dos professores das escolas da periferia, também em maiores percentuais, são indicados os alunos (54%), e ainda são destacados os conflitos entre professores e alunos (17%) e entre professores (14%). Em geral estes foram os sujeitos que se destacaram nas respostas de todos os professores, contudo eles apontaram em menores percentuais que a violência na escola também ocorre entre: funcionários da escola, direção escolar com alunos, direção escolar e funcionários, direção escolar e professores e ainda conflitos que envolvem os pais de alunos.

Alguns autores (FARRINGTON, 2002; ABRAMOVAY et al, 2002; CANDAU, 1999; DAYRELL, 2003) analisam certos aspectos que segundo eles contribuem para que os alunos estejam envolvidos em conflitos, como por exemplo, a falta de abertura da escola para as expressões juvenis, as estigmatizações, que problemas familiares, falta de diálogo, dentre outros fatores de risco que o aluno poderá estar envolvido.

Diante disso, o envolvimento do aluno em conflitos violentos, requer do corpo técnico-pedagógico, não somente destacá-los nos conflitos, mas que realizem intervenções efetivas, e

ainda que se observem as especificidades juvenis - já que grande parte dos alunos pertence a esta faixa etária, e são sujeitos em formação de identidades e ainda necessitam de apoio e de referenciais.

Ressaltamos que está inclusa a possibilidade dos demais sujeitos presentes na escola (além de alunos), serem produtores de violência ou contribuírem para a existência da mesma. Por exemplo, podemos citar a violência simbólica, já destacada, a qual representa o mau uso do poder, enquanto instrumento causador de repressão, inibição (BOURDIEU, 2002). Isto é comum na escola, geralmente de funcionários para alunos, como uma maneira de “controlá-los”. A compreensão sobre este aspecto da violência na escola requer que se analise a maneira de como se desenvolvem as relações neste espaço, se, por exemplo, pautadas numa relação de respeito, dialógica ou em uso negativo da autoridade (onde poderá estar inserida tal violência).

Na própria sala de aula, os professores podem cometer violências contra os alunos. LucKesi (2005, p. 48) explicita que:

As condutas dos alunos considerados como erros têm dado margem, na prática escolar, tanto no passado como no presente, às mais variadas formas de castigo por parte do professor, indo desde as mais visíveis até as mais sutis. À medida que se avançou no tempo, os castigos escolares foram perdendo o seu caráter de agressão física, tornando-se mais tênues, mas não desprovidos de violência.

Com esta apresentação, vemos que podem estar presentes na sala de aula violências diversas, desde as mais explícitas a outras menos perceptíveis, e não exclusivamente produzidas por alunos.

Destacamos ainda que a falta de recursos materiais e preparo educativo dos funcionários, pode comprometer as relações destes com os alunos e demais funcionários, o que implica em desgaste nas relações sociais neste ambiente, e abre espaços para violências.

Quanto às formas de violência presentes na escola, em geral segundo todos os professores, a violência física (socos, chutes e pancadas), palavrões, roubos, ameaça e rejeição.

Foi evidenciado um percentual muito baixo (1%) nas repostas dos professores das escolas do centro quanto a não existência de violência na escola. Nenhum dos professores das escolas da periferia respondeu não haver violência na escola pesquisada. Isto confirma a existência de conflitos nestas escolas e inseguranças, o que requer atenção e intervenção.

Quanto aos fatores que estimulam a violência na escola são apontados pelos professores de escolas do centro, em maior percentual a desestrutura familiar (30%), seguido de gangues

(15%). Nas respostas dos professores de escolas de periferia, novamente aparecem em percentual mais elevado a desestrutura familiar (33%), e ainda se evidenciam as drogas (13%) e pouco policiamento na escola (11%). Os demais fatores de modo geral apontados por todos os professores foram: infra-estrutura ruim, falta de espaços de lazer, , área perigosa, insatisfação com a escola, falta de punição e relacionamento ruim entre os membros.

Cabe notar que o fator “desestrutura familiar” foi evidenciado nas respostas dos professores como um dos motivos da violência na sociedade e, novamente é apontado como fator que pode contribuir para a violência na escola.

Evidencia-se novamente nestas respostas a importância do referencial familiar a que depende o sujeito para ter uma boa formação cidadã. Nesse sentido, é fundamental que a escola esteja em parceria com a família tanto para obter desempenho educativo, como para compreender as particularidades de seus alunos, o que contribui para a intervenção em possíveis conflitos.

Alguns fatores apontados acima (desestrutura familiar, drogas, gangues e área perigosa) como causadores de violência na escola, reforçam o que dizem alguns referenciais teóricos (CANDAUI, 1999; ABRAMOVAY, 2002; ABRAMOVAY, 2005, FARRINGTON, 2002) de que a violência na escola resultar também de problemas externos. Vale ressaltar o que diz Abramovay et al (2005: 294):

(...) a escola pode ser perpassada por diversos tipos de situações da ordem de violência urbana e da criminalidade, que não são específicas à dinâmica escolar, mas que afetam o seu cotidiano, interferindo no ambiente, na maneira como ela se organiza e nas relações entre os atores sociais que nela convivem.

Com relação ao pouco policiamento como fator que pode abrir caminhos à violência escolar, nota-se que “os sistemas de ensino têm recorrido a polícia para enfrentar a violência nas escolas” (ABRAMOVAY, 2005, p. 306). A presença policial pode trazer um clima de segurança esta instituição, mas é necessário que a mesma (caso possua estes profissionais) não resuma a eles a responsabilidade de resolução de conflitos.

Quanto aos fatores, falta de punição, relacionamento ruim, falta de espaços de lazer, infra-estrutura ruim e insatisfação com a escola, revelam que a escola também desencadeia violências, assim existe “relação evidente entre a 'atmosfera' geral da instituição escolar e o fenômeno da violência” (PRINA, 2003, p. 161).

Com relação a providências tomadas pelas escolas frente às violências, os professores pesquisados destacaram que quando é o aluno que comete violência, são feitas em geral advertências aos alunos, suspensão do aluno, comunicação com a família sobre a violência e é chamada a polícia para resolver os conflitos.

As alternativas tomadas quando um funcionário comete violência, nas respostas dos professores das escolas do centro, 45% indicam que o funcionário recebe advertência e 52% dos professores dizem que desconhecem tal situação. Quanto aos professores das escolas da periferia, 33% dizem que o funcionário recebe advertência e 59% responderam que desconhecem tal situação.

Se observarmos as providências tomadas pela escola quando alunos cometem violência em comparação quando o funcionário é o sujeito produtor deste fenômeno, percebemos que as alternativas de resolução da violência tomadas pelas escolas são mais acentuadas em relação ao aluno, com isso estes sujeitos são novamente apontados como os principais produtores de violências. Em todas as respostas que se referiram quanto à violência cometida por funcionários, os maiores percentuais, indicam o desconhecimento de tal situação, isso talvez porque os professores pesquisados não percebem o envolvimento de funcionários em violências ou porque são poucas as medidas de intervenção para os mesmos.

Outras atitudes em geral tomadas pelas escolas quanto a violências segundo os sujeitos pesquisados, destacaram-se: trabalhos na sala de aula, passeata na comunidade, serviços de orientação educativa, policiamento na escola, diálogos com os membros sobre a violência e palestras com especialistas sobre tal temática.

Violência com o professor

As violências que os professores disseram ter sofrido, referem-se às agressões verbais, ameaças e violências físicas. As agressões verbais e as ameaças são formas comuns de violências sofridas para a maioria dos professores pesquisados. Embora estas violências não resultem (pelo menos de imediato) em danos físicos, trazem prejuízos ao bem estar dos membros da escola, principalmente dos que sofrem estas violências.

Dentre os motivos de terem sofrido violência, segundo as respostas dos professores das escolas do centro, são, por possuírem condições financeiras, pela insegurança, relacionamento ruim com aluno(a), preconceito e desrespeito. Quanto aos motivos apresentados pelos

professores das escolas da periferia, apresentaram-se o preconceito, relacionamento ruim com aluno(a), bairro da escola perigoso, possuir condições financeiras e motivos religiosos.

Nestas respostas vemos que a questão das diferenças, no que diz respeito ao preconceito e a religião, se mostram como geradoras de violências. As relações debilitadas entre professor e aluno também se apresentam como produtoras de violência. Daí a escola precisar fomentar um trabalho de formação educacional, discussões de culturas, as especificidades individuais, e ainda ações que contribuam para o fortalecimento das relações de seus membros.

Sabemos que o professor pode dar uma importante contribuição no enfrentamento de violência na escola. Visto isso, questionamos no instrumento de pesquisa que atitudes os professores desempenhavam diante do contexto de violências.

Nesse sentido, grande parte dos professores das escolas do centro respondeu que tenta resolver a situação (47%), os demais, avisam outras pessoas (17%), apenas observam (7%) e outros têm medo de se envolver nos conflitos (17%). Para os professores das escolas da periferia, a maioria avisa outras pessoas (39%), outros tentam resolver a situação (32%), ou ainda alguns apenas observam (10%), e outros têm medo de se envolver (16%).

Percebemos que as ações de combate à violência que novamente se destacam nestas respostas, ainda precisam ser melhoradas, pois muitas vezes estas ações são imediatas (reações), ou seja, resolvidas no momento em que a violência ocorre, e ainda por vezes não existem intervenções frente aos conflitos.

Apesar de os professores apresentarem um bom nível de formação acadêmica (em maioria graduação e pós-graduação), fica evidente nestas respostas, o quanto os docentes precisam de instruções para saber lidar com os conflitos cotidianos, assim como preveni-los.

Quanto a outro questionamento sobre o que sentiam os docentes frente a violências, os das escolas do centro, responderam ter “medo”, “aborrecimento”, “constrangimento”, “impotente diante da situação”, outra resposta ainda foi de que “é a realidade”. Os professores das escolas da periferia responderam que sentem “raiva”, “medo” “impotente”, “preocupado” e “triste” diante de situações de conflitos.

Estas respostas revelam preocupação dos professores quanto à presença de violências na escola. Alguns não sabem o que fazer. Chama a atenção ainda à resposta “é a realidade”, que revela certo conformismo com esta problemática.

Mesmo diante deste quadro apresentado, vale destacar o que ressalta Abramovay (2002, p. 188) que “as violências representam um estado e não uma característica”, ou seja, os conflitos

que algumas escolas talvez enfrentem, podem ser reflexos de certos problemas, mas não significa que a escola possua como característica definida a violência, portanto é possível que se reverta este quadro em muitas dessas instituições.

FUNÇÃO PEDAGÓGICA DA ESCOLA FRENTE À VIOLÊNCIA GERAL

Diante do contexto de violência na escola, revelado nas respostas dos professores pesquisados, refletimos sobre que atitudes poderão ter as escolas para o tratamento de violências, visto a necessidade de intervenções.

Torna-se perigosa uma atitude imparcial dos membros desta instituição diante desta problemática. Para que isto seja evitado, questionamos, de que maneira então a escola pode intervir? O que fazer diante de situações de violências?

Embora façamos estes questionamentos, acreditamos que a dinâmica educacional possui especificidades por cada contexto social. Dessa forma, as respostas mais concretas a essas indagações podem ser encontradas por cada pessoa que compõe as escolas, baseadas nos próprios conflitos escolares.

Mesmo sabendo que cada escola pode melhor encontrar soluções para seus conflitos violentos, acreditamos que algumas alternativas podem ser relevantes no enfrentamento desse problema.

Talvez o primeiro passo, seja o diagnóstico da situação, o reconhecimento de violências e ainda os tipos/manifestações de violências. Como defende Freire (1987), é preciso que o sujeito conheça sua realidade opressora, para que a partir deste reconhecimento, promova uma ação libertadora.

Podemos também relacionar esta perspectiva à “avaliação do trabalho da escola” defendida por Vasconcelos (2004). Tal autor acredita que:

A avaliação quando de fato é avaliação (e não mera classificação para exclusão), é fator de revitalização pessoal e institucional, na medida em que ajuda a localizar os pontos em que precisamos melhorar os aspectos nos quais precisamos investir nossas energias e corrigir rotas e avançar na direção desejada (VASCONCELLOS, 2004, p. 103).

Esta avaliação não se restringe a dinâmica da sala de aula, mas ao desempenho como um todo dos membros da escola. Esta prática permite discutir os êxitos e dificuldades encontradas

pela escola, portanto dá chances de resolução da violência e ainda abre espaços ao diálogo e expressão de seus membros.

Égide Royer (2002, p. 253) trata como um dos meios para intervir na problemática da violência, a formação dos professores. Segundo ele, é preciso “formar melhor nossos educadores para evitar a violência na escola e lidar melhor com ela”. O autor reforça, no entanto que esta formação tem melhor resultado, se os professores:

- I) sabem e entendem como os comportamentos agressivos se desenvolvem nos jovens;
- II) compartilham da crença de que a educação e, mais especificamente, a escola são capazes de contribuir para evitar que a violência se desenvolva e tenha continuidade;
- III) intervenham de forma ativa, e não apenas reativa com relação à violência e aos comportamentos agressivos que ocorrem na escola;
- IV) estão convencidos de que, devido à diversidade dos problemas relacionados à violência, as intervenções devem ser individualizadas e formuladas sob medida para cada caso;
- V) valorizam a formação continuada ao longo de toda a sua vida profissional, sabendo que a simples experiência não é o bastante;
- VI) são capazes de integrar em sua prática os novos conhecimentos surgidos das pesquisas;
- VII) desenvolveram capacidades sólidas de formar parcerias com os pais, sabendo que a participação dos pais exerce influência considerável sobre a eficácia de sua intervenção;
- VIII) reconhecem a importância essencial do trabalho de equipe, sabendo que suas intervenções em sala de aula não serão suficientes.

Concordamos com o que foi evidenciado acima, reconhecendo que a formação dos professores deve ter interferências/resultados no cotidiano escolar. É importante que os docentes tenham conhecimento das possibilidades das manifestações de violências, mas que saibam lidar com isso de acordo com as individualidades dos sujeitos. A parceria, com membros da escola, com a família e outras pessoas ou instituições possíveis, também reforça o trabalho de prevenção e/ou manejo da violência escolar.

Sobre a juventude, bastante apontada como alvo de violências na escola, talvez esteja envolvida em conflitos como resultado também da forma como geralmente são tratados. Para Juarez Dayrell (2003, p. 185) “a escola está distante da juventude, não responde as suas demandas e necessidades”. O professor está preocupado em cumprir suas aulas e tem dificuldades de fazer planejamento conjunto e ter proximidade com seus alunos. Outros professores ainda carregam uma representação negativa e preconceituosa da juventude. Nem sempre se acredita na capacidade do jovem, nem se percebe seus anseios. Mais ainda, a escola tende a não reconhecer a

“efervescência cultural que acontece no seu entorno, desconsiderando as experiências educativas que os alunos vivenciam fora dos seus muros” (DAYRELL, 2003, p. 188).

Estas condições não favorecem para que o jovem seja “participante” da formação escolar (cognitiva e social). Acreditamos que participação de fato, significa que o sujeito não está apenas presente no ambiente escolar, mas se envolve com vontade nas suas atividades, pode contribuir com suas idéias e atividades.

Abrir espaços à participação e diálogo com a juventude podem oferecer à escola maiores chances de lidar com conflitos quando possui sujeitos comprometidos. Nesse caso os próprios alunos podem contribuir para encontrar meios de lidar com a violência.

Podemos dizer que a existência de melhor tratamento do(a) jovem, a credibilidade dada a ele(a), é capaz de evitar outras violências. Reconhecer ainda suas vivências, estilos de vida fora do ambiente escolar, pode ajudar aos professores e demais funcionários da escola a trabalhar com a juventude, e lidar com conflitos os quais podem estar envolvidos.

Dayrell (2003, p. 189) acredita também que a formação de professores pode contribuir para a melhoria da relação professor-aluno, segundo ele, “é fundamental investir na formação dos educadores, criando neles o desejo de se envolverem com os jovens, fornecendo instrumentos para um conhecimento sistemático da juventude e sensibilizando-os para seus problemas e necessidades”.

A participação familiar também pode somar na tomada de decisões escolares. É relevante à escola, que a presença da família não se restrinja a reuniões burocráticas, a fim de que se fortaleçam os vínculos entre estas. Como foi apresentado nesta pesquisa, o conflito presente na escola advém, como uma das causas, de problemas externos, entre eles os familiares. Por esse motivo a relação escola-família, como um dos benefícios, contribui para o esclarecimento de certos conflitos presentes no ambiente escolar, além ser mais um apoio para intervenções nesta problemática.

Com relação às drogas, fator que tem gerado conflitos no ambiente escolar, cabe notar o que reflete Beatriz Carlini-Marlatt (2003, p. 192). Para ela:

(...) a convivência da humanidade com as drogas não é uma questão de escolha, mas um fato histórico, na medida em que não há praticamente registro de sociedades onde inexistam o uso de substâncias que alterem a consciência, seja para fins rituais, religiosos, reacionistas, ou de delineamento de papéis sociais e hierárquicos.

Nesse sentido a autora acredita que a postura de enfrentamento das drogas deverá ser de a “redução de danos”, que está de acordo com a punição e discriminação dos sujeitos que já tiveram ou mantém contato com as drogas. Com isso, tal postura “centra suas ações na construção de parcerias com as populações envolvidas no uso de drogas, ou em risco de se envolverem na tentativa de formular propostas que sejam realistas (...)” (CARLINI-MARLATTI 2003, p. 192).

Compreendemos com essas considerações que a questão as drogas, mesmo que gere prejuízos a na conjuntura atual, é elemento que presente na sociedade há muito tempo. Dessa forma o enfrentamento desta substância pela escola, não passa pela atitude de erradicação e discriminação daqueles envolvidos. Nesse sentido acreditamos que o dever da escola é quando possível fomentar uma formação de crítica aos seus membros sobre os possíveis prejuízos deste envolvimento e ainda desenvolver um acompanhamento mais minucioso àqueles que possuem contato com as drogas. Talvez com tais atitudes a escola tanto pode contribuir para que este elemento adentre seu espaço como reduzir e/ou desvincular a relação deste com seus membros.

Outra tarefa importante da escola é o cuidado com o ambiente físico e possuir recursos materiais. Isso permite o bem-estar de funcionários e alunos neste ambiente, dá condições aos professores planejarem melhor suas aulas, dá chances a outras atividades de envolvimento dos alunos, até mesmo o envolvimento de outros sujeitos, como a família dos membros e comunidade próxima. Isto pode contribuir ainda para que a escola seja uma referência local positiva, um espaço alegre e importante para a comunidade, e não como um espaço depredado, marcado por conflitos em que os sujeitos não sintam prazer de estar presente.

A parceria da escola com outros estabelecimentos (ONGs, associações, por exemplo) e órgãos responsáveis pelo sistema educacional (Ministério da Educação, Conselho Estadual, Conselho Municipal, Secretarias de Educação, etc.) certamente traz bons resultados tanto financeiros quanto educativos para o bom desempenho do processo educacional. Daí a importância do planejamento geral da escola, e construção de projetos diversos que beneficiem a comunidade escolar interna e quem sabe a comunidade externa.

Mesmo enfrentando violências no cotidiano, a escola pode ter alternativas de resoluções e/ou combate desta situação, contudo, para que isso ocorra é imprescindível o reconhecimento desta situação e o desejo de mudança. Algumas medidas podem ser materializadas em pequenas ações de respeito mútuo, e atenção à vítima de violência no cotidiano da escola. Outras não dependem apenas desta instituição, principalmente em relação à

problemática da violência externa que pode desencadear violência interna. Nesse sentido, importante que a escola seja uma instituição articulada com grupos comunitários externos, outras instituições e até mesmo contribuir de alguma maneira para a redução de conflitos exteriores.

Estes são alguns meios que podem deixar a escola mais atrativa, conquistar o envolvimento de seus membros, melhorar as relações entre eles e reunir forças para a resolução de conflitos. Sabemos que existem muitos desafios e limitações vividos por cada escola. Contudo a resolução de conflitos pode ser possível ao fazer parte das metas das escolas, sobretudo com a colaboração dos seus membros e de outras representações.

O desafio é proposto a cada escola, cabe a elas de acordo com suas possibilidades, contexto social, encontrar possíveis alternativas frente a violências que porventura se manifestem no seu interior. Torcemos para que isso se torne realidade, nas vivências dos sujeitos que compõem o cotidiano da escola e demais que acreditam na sua importância social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Miriam et al. **Cotidiano das Escolas: entre violências**. Brasília: UNESCO, Observatório de violência, Ministério da Educação, 2005.

ABRAMOVAY, Míriam et al. **Juventude, Violência e Vulnerabilidade Social na América Latina: Desafios para Políticas Públicas**. Brasília: UNESCO, BID, 2002.

ABRAMOVAY, Míriam. **Escola e violência**. Brasília: UNESCO, 2002.

_____; CASTRO, Mary Garcia. **Drogas na Escola**. Brasília: UNESCO, 2002.

ARENDT, Hannah. **Sobre a Violência**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2000.

CANDAU, V.M; LUCINDA, M. C; NASCIMENTO, M.G. **Escola e violência**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

CANDAU, V.M. (2006). **Direitos Humanos, Violência e Cotidiano Escolar**. http://www.gecec.pro.br/bg_estudos/msg_ler.asp?ID_MSG=67. Acesso em: 20 dez 2007.

CARLINI-MARLATT, Beatriz. Drogas e jovens: abordagens contemporâneas. In: DE FREITAS, M. V.; PAPA, F.C. (Orgs.) **Políticas Públicas: Juventude em Pauta**. São Paulo: Cortez: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação: Fundação Friedrich Ebert, 2003.

DAYRELL, Juarez. Escola e culturas juvenis. In: DE FREITAS, M.V.; PAPA, F. C. (Orgs.). **Políticas Públicas: Juventude em Pauta**. São Paulo: Cortez: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação: Fundação Friedrich Ebert, 2003.

DEBARBIEUX, É.; DEUSPIENNE, K. R. Das Estatísticas Oficiais aos Levantamentos Sobre Vitimização, Delinquência Juvenil e Violência na Escola. In: **Desafios e Alternativas: Violências nas Escolas**. Anais do Seminário de Violências nas Escolas. Brasília: UNESCO, 2003.

FARRINGTON, David. Fatores de risco para a violência juvenil. In: DEBARBIEUX, Éric; BLAYA, Catherine (Org.) **Violência nas Escolas e Políticas Públicas**. Brasília: UNESCO, 2002.

FILHO, Santos (Org.). **Pesquisa Educacional: quantidade-qualidade**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

LUCKESI, C. **Avaliação da Aprendizagem Escolar: estudos e proposições**. 17 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MADEIRA, M. C. Representações Sociais e Educação: Importância Teórico-metodológica de Uma Relação. In: PAREDES, A.; JESUÍNO, J. C. **Representações Sociais: Teoria e Prática**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003.

ODÁLIA, Nilo. **O que é violência**. São Paulo: Brasiliense. 1991.

PRINA, F. A violência na Escola: Da Pesquisa ao Projeto – A Experiência da Rede Européia Nova Res. In: **Desafios e Alternativas: Violências nas Escolas**. Anais do Seminário de Violências nas Escolas. Brasília: UNESCO, 2003.

SMITH, Peter k. Intimidação por colegas e maneiras de evitá-las. In: DEBARBIEUX, Éric; BLAYA, Catherine (orgs.). **Violência nas Escolas e Políticas Públicas**. Brasília: UNESCO, 2002.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

RODRIGUES, A. J. Metodologia Científica: Completo e Essencial para a Vida Universitária. São Paulo: Avercamp, 2006.

ROYER, E. A violência escolar e as políticas da formação de professores. In: In: DEBARBIEUX, Éric e BLAYA, Catherine (org.) **Violência nas Escolas e Políticas Públicas**. Brasília: UNESCO, 2002.

VASCONCELLOS, C. S. **Coordenação do Trabalho Pedagógico: do projeto político pedagógico ao cotidiano da sala de aula**. 5ª edição. São Paulo: Libertad, 2004.

TRAVESSIAS ED. 03 ISSN 1982-5935
Educação, Cultura, Linguagem e Arte
www.unioeste.br/travessias